

TERESA PIRES VARA
Professora de Teoria Literária da USP.

Antes de entrar propriamente no relato de experiências, gostaria de fazer alguns esclarecimentos que permitam entender o caráter deste trabalho. Ao tratar de problemas específicos de ensino de Literatura, não tenho a pretensão de discutir métodos e técnicas válidos em si mesmos, desvinculados da nossa realidade e das necessidades reais dos alunos, nem de trazer soluções prontas para as questões que pretendo colocar; o que procuro evidenciar neste trabalho é apenas um aspecto de minha atividade didática onde tentei incorporar às preocupações presentes a experiência passada, combinando o velho e o novo, o previsível e o imprevisível, a minha experiência de vida e a experiência e o saber do outro, num trabalho coletivo de riscos e desafios, mas também de redefinição e questionamento constantes.

Por outro lado, não tenho a preocupação de relatar as experiências pelo simples relato ou pelo caráter "renovador" que elas possam ter; as minhas preocupações com o ensino são fruto de um longo e conflitante trabalho travado dentro da própria Universidade, nesses dez anos de incompreensão e de silêncio, contra todos os preconceitos em relação ao trabalho didático e o trabalho intelectual da mulher, contra os entraves burocráticos e a "tendência do colonizado de incorporar o colonizador"¹ nas

¹ Paulo Freire, Pedagogia do Oprimido, Rio, Ed. Paz e Terra, 1970.

próprias relações de trabalho em sala de aula.

Por isso, a minha preocupação nesse relato é apenas no sentido de contribuir com a minha experiência, as minhas incertezas e perplexidade, como forma de procurar novos caminhos que permitam ao professor e ao aluno assumirem o papel de sujeito no processo de produção e elaboração da cultura; no entanto é preciso ter presente que essas preocupações aparentemente óbvias com o ensino implicam não só numa redefinição das relações de trabalho, da função de professor e do aluno, mas pressupõem, por outro lado, uma preocupação mais ampla e geral de redefinição do próprio processo de produção da cultura na Universidade, como um esforço coletivo no sentido de explicitar o nosso projeto cultural no curso de Letras e a contribuição do letrado no processo mais amplo de transformação da Universidade e da Sociedade.

Como essas colocações são muito amplas, vou procurar focalizar apenas um aspecto desses problemas, ligado ao processo de produção dos alunos no curso de Letras, paradoxalmente relegado a uma atividade marginal e secundária; a minha intenção, na verdade, é tentar explicitar melhor a tarefa específica com o texto literário, onde a leitura crítica, a teoria e a produção escrita se confundem, isto é, procurar ver, por um lado, como o trabalho criativo da leitura orienta e aprofunda o trabalho essencialmente analítico e interpretativo da produção crítica; por outro lado, procurar observar, na prática, como a leitura crítica pode, igualmente, desencadear o processo de produção livre dos alunos. Essa colocação é também uma tentativa de propor para o debate algumas indagações ainda não resolvidas na prática.

- Quais as alternativas possíveis que se delineiam para o ensino da Literatura e da Teoria Literária?

- Em que medida os cursos de Literatura e

Teoria Literária criam, na prática, condições para a produção livre dos alunos?

- Como incorporar a produção crítica e a produção poética no processo mais amplo de produção da cultura?

Para situar melhor o relato, devo explicar inicialmente que o curso de Introdução aos Estudos Literários é dado no primeiro ano como matéria optativa e tem sempre um caráter propedêutico de iniciação à leitura e à análise literária; por isso, consiste, em geral, no tratamento direto dos textos literários a partir dos quais se abordam problemas gerais e específicos que surgem no campo da lingüística, da teoria literária, da história cultural e social; o aluno é orientado no sentido de perceber os problemas específicos relacionados com o poema e a prosa de ficção, com o auxílio de técnicas de análise que são incorporadas em função dos problemas suscitados pelo texto literário.

Nas duas experiências realizadas no primeiro ano, essa orientação específica foi mantida em relação à leitura e interpretação dos textos, mas teve um caráter mais flexível na medida em que as atividades em classe foram programadas em função das necessidades criadas pelos alunos, procurando incorporar a experiência deles no tratamento direto com o texto literário. Para que os alunos entendessem o desenvolvimento do curso, discutimos inicialmente um programa mínimo de atividades conjuntas, onde todos assumiram a responsabilidade e o destino do trabalho, ficando claro que a cada passo da análise o programa poderia ser reformulado em função das necessidades criadas em sala de aula. Paralelamente a essa atividade conjunta, cuja responsabilidade de orientação teórica e bibliográfica ficaria a cargo do professor, se discutiu também a possibilidade dos alunos desenvolverem um trabalho individual inteiramente livre, cuja escolha ficaria a critério de cada

um, para ser entregue no final do semestre. Para o trabalho prático realizado em sala de aula foram escolhidos, no 1º semestre dois poemas; Canção do Exílio, de Murilo Mendes e Gonçalves Dias; para o trabalho individual os alunos tiveram um prazo maior para decidir a escolha do texto e a atividade a ser desenvolvida.

Ao nível do trabalho coletivo em que todos assumiram a participação nos debates e seminários, pude observar um dado que me pareceu fundamental, apesar da precariedade da análise e da desorientação inicial dos alunos; é justamente esse aspecto que pretendo enfatizar na exemplificação, isto é, procurar mostrar como o trabalho criativo da leitura associado a uma atividade paralela de sensibilização musical, pode desencadear simultaneamente o processo de produção livre em sala de aula.

Para ilustrar melhor o que estou tentando reconstituir, vou relatar apenas um dos estágios da análise do poema, já no final do semestre quando tivemos de enfrentar a tarefa mais complexa no sentido de compreender o ritmo poético em Murilo Mendes. A essa altura já havíamos trabalhado intensamente os vários níveis do poema procurando entender a estrutura paródica do poema e o alvo da crítica de Murilo Mendes, numa tentativa de apreender o elemento social externo como elemento interno, isto é, como elemento de estrutura do poema.

Nesse estágio final, que já era um esforço no sentido de compreender o poema como um todo, procuramos organizar e distribuir as tarefas de modo a criar condições para percebermos um problema teórico específico ligado ao ritmo dissonante em Murilo Mendes e a questão do verso livre na poesia moderna. Discutida a divisão do trabalho em classe, um aluno ficou encarregado de explicar o problema da dissonância na música atonal, dodecafônica. (Tratava-se, neste caso, de um aluno muito especial no curso de Letras, com uma formação musical muito sólida).

A exposição foi seguida por gravações de Vivaldi, Wagner, Stravinsky, Debussy e Schönberg, selecionadas para mostrar o momento de transição da música atonal baseada na escala diatônica para a música atonal, dodecafônica, fundamentada na escala cromática ou de 12 tons. Na explicação o Bry, deixou bem claro para nós a distinção entre a escala diatônica baseada na hierarquia das notas e a escala cromática em que as notas não têm individualidade própria; a coexistência de linhas harmônicas na escala tonal baseada na tensão e relaxamento do ritmo e a ruptura da simetria melódica na música atonal pela intensificação vertical do acorde dissonante; finalmente o momento de transição, representado por Wagner, na utilização do acorde no drama lírico de Tristão e Izolda.

Um outro grupo de alunos se encarregou de escolher gravações de poemas e traduzí-los para ouvirmos em seguida a primeira exposição; organizamos uma pequena antologia de poemas de François Vignon, Verlaine, Éluard, Bandeira, Drummond, Fernando Pessoa, Chico, Caetano, Gil onde procuramos perceber apenas a passagem para o verso livre e o momento de utilização consciente da sonoridade expressiva da palavra a partir do simbolismo.

É muito difícil reproduzir tudo o que se passou naquela manhã cinzenta do mês de junho, o clima estimulante de trabalho, a seriedade e o interesse dos alunos pelo concerto um pouco improvisado às 10 horas da manhã, levando em conta não só as condições precárias da sala de aula, mas também o número de alunos que participou do trabalho. Mas o que eu gostaria de chamar a atenção nesse relato reduzido que fiz, além do trabalho coletivo de organização e participação ativa dos alunos, é justamente para o imprevisto e o imponderável das situações, para o ritmo novo do trabalho desencadeado nesse estágio.

Não estava programada a participação da natureza nesse concerto poético de final de semestre; não estavam previstas também a manhã cinzenta e chuvosa, a chu

va torrencial e o vento cortante que obrigaram os pássaros a se encolher nos cantos das portas e nos desvãos das janelas, que mal se fechavam para nos abrigar; não estava programada a trilha sonora da natureza que acompanhava de uma maneira insólita o ritmo contratante da Chanson d'automne de Verlaine e o Caso Pluvioso de Drummond, acentuando o aspecto dissonante dos acordes no telhado. Por isso chovia lá fora e chovia nos versos irônicos de Drummond:

Era chuva fininha e chuva grossa, matinal e noturna,
ativa ... Nossa!!

E chuveirando atroz em meu caminho
Chuvadeira Maria, chuvadonha
Chuvinhenta, Chuvil, pluvimedonha
Choveu tanto

Que a correnteza forte criou asa
e um rio se formou ou mar, não sei

Sei que nele afundei

De sorte que com pouco e sem recurso, as coisas
se lançaram no seu curso

e era o mundo molhado e sovertido

Sob aquele sinistro e atro chovido

Choveu tanto que tivemos de nos abrigar durante muito tempo naquela salinha escura e sombria, "de sorte que com pouco e sem recurso, as coisas se lançaram no seu curso"; e o espaço da classe estava tão inundado de poesia e calor humano que aos poucos as pessoas começaram a se descobrir e se juntar em torno de um trabalho que se produziu durante a "aula": tratava-se da ilustração dos poemas de Drummond, numa interpretação muito expressiva não só dos poemas, mas também das composições musicais que acabávamos de ouvir. Desse trabalho resultaram sete quadros que foram posteriormente expostos no final do semestre. Como no caso do aluno que participava da Orquestra Sinfônica do Municipal, tratava-se também, neste caso, de uma pintora que havia exposto alguns trabalhos no MASP e estava tentando no curso de Letras ampliar um pouco o seu conhecimento de Literatura; mas até aquele momento não ha-

via conseguido expressar verbalmente a sua interpretação dos poemas de Drummond. Foi ela que nos chamou a atenção para o efeito do espaço poético criado em sala de aula, para o clima carregado de poesia naquele ambiente extremamente precário, mas de intensa participação solidária dos colegas.

Outro trabalho muito curioso produzido de pois foi uma espécie de crônica, de poesia autobiográfica, de prosa confessional associada a uma interpretação paralela de um poema de Drummond que vinha também ilustrado com cartões postais, folhas secas de rósas, além da purpurina e do patchuli que despencavam pelo trabalho recendendo pela casa o dia todo. Tudo isso de uma forma espontânea, simples, desbloqueada, além do entusiasmo e da grande paixão pelas coisas que estavam acontecendo.

Depois "que as coisas se lançaram no seu curso", não dava para voltar atrás, era preciso buscar um novo ritmo para aquele "mundo molhado e sovertido", de fato tudo o que havia sido preparado anteriormente com a finalidade de enfrentarmos o problema teórico do ritmo poético, tomou outro rumo e os interesses se voltaram para o processo de produção e criação artísticas, em virtude da intensa sensibilização e expectativa criadas em torno da produção poética.

No segundo semestre passada a fase do desbloqueio e de ruptura da expectativa da expectativa dos alunos em relação ao curso, eles puderam compreender, na prática a possibilidade de participação efetiva não só na organização, como no desenvolvimento e avaliação dos próprios trabalhos; a partir do semestre seguinte, os alunos assumiram efetivamente o destino do curso sem aquela insegurança e desconfiança que se criou no 1º semestre; conseguiram explicitar com maior clareza o que esperavam em termos de participação e orientação do professor em sala de aula e puderam escolher livremente o trabalho final, sem as angústias do estágio anterior. Fizemos uma avaliação ri

gorosa do primeiro semestre onde os alunos questionaram não só as falhas do professor, a insegurança e desorientação sadia criada nesse primeiro contacto, mas passaram a reivindicar também, uma participação mais intensa do professor na orientação dos trabalhos de análise propriamente dita.

A partir dessa avaliação organizamos o trabalho do segundo semestre, procurando dar uma orientação mais diretiva na análise da narrativa, pois não havia mais o risco dos alunos entenderem o trabalho orientado em classe como modelo definitivo para resolverem as questões de análise. Esse aspecto foi suficientemente discutido e procurei esclarecer que o meu conhecimento e a minha leitura prévia do conto não impediriam uma nova leitura e interpretação do texto. O trabalho individual ficou, como no primeiro semestre a critério dos alunos, não só em relação à escolha dos textos, mas também em relação ao tipo de trabalho que poderiam desenvolver até o final do semestre:

Apesar da maioria tentar reproduzir a mesma orientação de análise feita em grupos na sala de aula, recebi trabalhos muito variados nesse semestre, como por exemplo, contos, poemas, crônicas, pastiches, reprodução de outros contos mudando o foco narrativo, além de um trabalho mais complexo de adaptação de um conto de Clarice Lispector para o audio visual, que durou três meses e se desenvolveu inteiramente desvinculado da análise orientada em classe. Além da tentativa de compreensão e interpretação do texto, o grupo todo fez um trabalho muito original e criativo de adaptação de algumas imagens chaves do conto para a imagem visual através de tomadas fotográficas que às vezes se afastavam inteiramente do texto, com o acompanhamento de uma trilha sonora cujo efeito, me pareceu, uma tentativa de provocar um distanciamento crítico no espectador.

Ao fazer o balanço final desse relato bastante parcial e redutor, gostaria de deixar claro que não

pretendo discutir a validade ou não desse trabalho, mas chamar a atenção para o problema específico da produção livre, em sala de aula, no sentido de repensarmos as condições que temos de incorporar a atividade produtiva e criadora dos alunos, aproveitando a experiência da vanguarda da classe como instrumento de renovação das relações de trabalho e produção da cultura.

Acho importante repensarmos essas relações, primeiro, porque exige do professor e do aluno todo um processo de liberação e desbloqueio que põe em crise os valores de uma educação autoritária que incorporamos à nossa formação; segundo, porque exige de cada um de nós uma flexibilidade extrema no processo de incorporação da experiência do outro, como também a consciência das nossas limitações e a necessidade de nos reformularmos constantemente para definirmos com mais clareza os propósitos do ensino e o sentido de nosso trabalho.

Além disso, gostaria de frisar, também, que apesar de todas as dificuldades que enfrentamos, seja ao nível da compreensão dos alunos, que muitas vezes se recusam a participar desse tipo de trabalho, seja ao nível dos colegas que não encaram com seriedade essas preocupações, seja ao nível de burocracia que entrava qualquer tipo de mudança, vejo neste relato um saldo positivo e bastante otimista, na medida em que nos permite avaliar as condições precárias da nossa formação e do nosso trabalho, e sugerir a possibilidade de incorporação do precário, como elemento de transformação das relações de trabalho e renovação do mundo.

No entanto essa visão parcial da nossa experiência só pode ser relativizada a partir da discussão de seus próprios limites; acredito que um debate mais sério sobre os problemas que aqui ficam apenas sugeridos poderá nos levar a encontrar novos caminhos para repensarmos, talvez, no curso de Letras o próprio processo de produção.

"De sorte que com pouco e sem recurso", as coisas possam, talvez, se lançar no seu curso, e reencontrarmos, "sob aquele sinistro e atro chovido, o mundo molhado e sovertido".